

KOCH, I. V. *O texto e a construção dos sentidos*. São Paulo: Contexto, 1997, 124 p.

RESENHADO POR: ADRIANA SIDRALLE ROLIM

O texto e a construção dos sentidos é um livro que aborda questões referentes ao texto e à produção dos sentidos, comuns às modalidades de escrita e de fala da língua, na perspectiva da Lingüística Textual.

Tem como fundamentação teorias sociointeracionais que compreendem o sujeito como o que organiza com outros sujeitos em inter-relação, a construção do texto, influenciados por questões cognitivo-discursivas que implicam a produção de sentidos. A língua é um meio de interação social e o texto é tido como materialidade lingüística, em que os sentidos que pode articular não estão nele, mas são construídos a partir dele, na interação social.

Este estudo de I. V. Koch mostra que a construção do texto falado ou escrito envolve diversas atividades sociocognitivas para que se possa produzir sentidos.

Para discutir o texto em si e a sua produção de sentidos, a autora divide o trabalho em duas partes. Na primeira parte, *A construção textual do sentido*, a autora subdivide o capítulo em cinco subpartes.

Na subparte *A atividade de produção textual*, discute-se que o texto é resultado de atividade verbal, que objetiva determinados resultados, numa situação específica. A linguagem, atividade verbal humana, possui uma motivação, um conjunto de operações peculiares ao sistema lingüístico, demonstrador da articulação de ações individuais em que se organiza a atividade, e um fim, que igualmente à motivação, tem caráter basicamente lingüístico. Na concretização de tal atividade, faz-se identificação de determinantes psicossociais, que explicam muitas vezes a atividade verbal.

Na subparte *O texto: construção de sentidos*, define-se que um texto se instaura como atividade comunicativa, quando os interactantes da atividade, constroem para ela certo sentido, pelo funcionamento global de fatores de ordem situacional, sociocultural, cognitiva e interacional. O

texto, portanto, só se constitui propriamente como texto, quando a partir dele se constroem sentidos no processo interativo.

Em *Atividades e estratégias de processamento textual*, o texto é tido como construído por um conjunto de pistas, que é representado por elementos lingüísticos, a possibilitar produção de sentidos aos interactantes e fundamentar a interação como prática sociocultural. O processamento textual é atividade que tem cunho lingüístico e sociocognitivo. E para efetivá-lo são articulados os sistemas de conhecimento lingüístico, enciclopédico e interacional. Esses sistemas de conhecimento efetivam-se pelo acionamento das estratégias de processamento textual, as quais podem ser: cognitivas, textuais e sociointeracionais.

Em *A construção dos sentidos no texto: coesão e coerência*, a autora considera esses dois fatores de textualidade muito importantes na construção dos sentidos. Esses fatores, a coesão e a coerência, considerados distintos, relacionam-se muitas vezes intrincadamente, ao ponto de dificultar um hiato entre eles. A coesão textual é a forma de os elementos lingüísticos do texto conectarem-se, estabelecendo estruturas que produzem sentidos. E a coerência é realizada pelos interactantes em uma situação interativa por ação conjunta de fatores cognitivos, interacionais, situacionais, socioculturais. É construída a partir do texto, tendo como base muitas vezes, não sempre, a coesão textual, que serve como indicador para conduzir o(a) interlocutor(a) na produção do sentido. A coerência realiza-se no nível temático, sintático, semântico, estilístico, ilocucional, os quais convergem para a coerência global.

Na subparte *A construção dos sentidos no texto: intertextualidade e polifonia*, a intertextualidade é definida como a presença de outros textos no texto considerado. A polifonia é alteridade encenada, ou seja, são incluídas ao texto vozes de enunciadores reais ou possíveis, que representam perspectivas várias, com os quais o(a) locutor(a) se identifica ou não. A autora baseia-se na teoria polifônica de Ducrot para distinguir intertextualidade de polifonia, mas a questão fica obscura. Ela conclui o capítulo, afirmando que a polifonia vai além da intertextualidade. A intertextualidade é uma forma de polifonia, mas nem sempre polifonia é expressão de intertextualidade. Conclusão em nada clara para o(a) leitor(a).

A segunda parte, *A construção do sentido no texto falado*, também é subdividida em cinco subpartes. Em *A natureza da fala*, são discutidas as conceituações distintivas geralmente feitas acerca da fala e da escrita. E a partir disso, é definido que a fala tem uma estruturação peculiar, determinada pela situação sociocognitiva de sua produção. Já a escrita é fruto de um processo; portanto, não é dinâmica.

Em *Atividades de construção do texto falado: tipos e funções*, rememora-se que toda produção lingüística resulta de atividades dos interlocutores, e isso conduz à busca de regularidades no sistema de desempenho lingüístico. Essas regularidades são tendências de estruturação do texto, determinadas pela sistematicidade de certos processos de construção textual, caracterizadas por traços formais e por atingir funções interacionais, as quais são peculiares ao texto. Para o processamento do texto falado, há duas estratégias básicas: a inserção e a reformulação. A inserção objetiva simplificar o entendimento dos interlocutores. É uma macrofunção cognitiva e consiste em cancelar momentaneamente o tópico em diálogo. Já reformulação é mais evidente no texto. Pode ser: a) retórica, caracterizada por seu aspecto interacional, que se realiza por repetição e parafraseamento para dar reforço à argumentação; b) saneadora, que ocorre através de correções e repetições ou paráfrases saneadoras. Há, ainda, a hesitação, estratégia de processamento textual, mas também constitutiva do texto falado. Tem a função cognitiva de obter mais tempo para planejar/verbalizar o texto, pois é determinada pela situação a que se expõem os interactantes.

Em *Tematização e rematização: estratégias de construção do texto falado*, discute-se que a produção dos sentidos no texto depende das seleções significativas para as diversas articulações tema-rema (tema: segmento sobre o qual se predica algo; rema: comentário sobre o tema) possíveis. Na articulação tema-rema, por causa de deslocamentos de constituintes, há segmentação sintática do enunciado, circunstância em que o(a) locutor(a) utiliza estratégias de tematização e de rematização, ou melhor, de deslocamento do tema ou do rema. A função da tematização é evidenciar um elemento do enunciado, dispondo-o: em posição inicial, objetivando mostrar para o(a) interlocutor(a) a questão que será tratada; ou, em posição final, para apresentar um adendo. A utilização dessas construções

possibilita hierarquizar os elementos lingüísticos empregados, colaborando para a coerência discursiva. De igual modo, ocorre com as construções de anteposição do rema ao tema, as quais desempenham funções discursivas e interacionais. A rematização marca o elemento focal e geralmente ocorre com a anteposição do rema ao tema.

Em *A repetição como estratégia de construção do texto falado*, considera-se que a repetição é estratégia elementar de estruturação da fala e possibilita a apreensão do novo como algo conhecido. Ela tem sido encarada como mecanismo coesivo, como recurso retórico, e ainda, de relevante valor educacional na aquisição da linguagem, na socialização e no ensino de línguas.

Na última subparte *A dinamicidade dos tópicos no texto conversacional: digressão e coerência*, discute-se que a digressão importa para a coerência da fala, já que a coerência se constrói na concretude dinâmica da interação. A digressão caracteriza-se por interrupção momentânea do tópico abordado, mas com volta a esse tópico.

Finalizando, *O texto e a construção dos sentidos* é um livro didático, através do qual se pode compreender que a materialidade textual é apenas um recorte lingüístico, em que o(a) autor(a) do texto apresenta indícios ou pistas para que o(a) leitor(a) ou os possíveis leitores, construam sentido ou sentidos para ela. Em outras palavras, o texto não tem um sentido em si mesmo, os sentidos se constroem através da leitura, numa situação interativa.

Sobre o embasamento teórico do livro, a Lingüística Textual, importa destacar que apesar de ela considerar o texto construído pelos interactantes, num processo interacional, não chega a analisar esse texto dentro de uma prática social, em que a partir da prática se possam articular mudanças sociais. Esta é uma limitação desta lingüística, pois que tem como objeto de estudo o texto, materialidade lingüística marcada ideologicamente (Fairclough, 1992). O seu estudo é sobre texto e qualquer fator a que ela se remeta é com a finalidade de explicitar ou explicar o texto em si. Esta lingüística é, portanto, a grosso modo, uma lingüística formal.

Referência bibliográfica

Fairclough, N. *Discourse and social change*. Cambridge: Polity Press, 1992.
Trad. org. Izabel Magalhães. Discurso e mudança social. Ed. Universidade de Brasília, no prelo.